

RELATÓRIO EUROPEU SOBRE DROGAS TENDÊNCIAS E EVOLUÇÕES

Uma panorâmica e avaliação das ameaças emergentes e dos novos desenvolvimentos

O Relatório Europeu sobre Drogas de 2022 baseia-se nos dados mais recentes disponíveis para fornecer uma panorâmica das questões relacionadas com as drogas emergentes que afetam a Europa. Com base numa abordagem de método misto, que utiliza dados de uma série de fontes de rotina e complementares, apresentamos aqui uma análise da situação atual e destacamos alguns desenvolvimentos que podem ter implicações importantes para as políticas e os profissionais em matéria de droga na Europa.

A situação da droga na Europa até 2022

A nossa avaliação global é de que a disponibilidade e o consumo de droga se mantêm a níveis elevados em toda a União Europeia, embora existam diferenças consideráveis entre os países. Estima-se que aproximadamente 83,4 milhões, ou seja, 29 % dos adultos (15-64 anos) na União Europeia, tenham alguma vez consumido uma droga ilícita, sendo que o consumo foi comunicado por mais homens (50,5 milhões) do que por mulheres (33 milhões). A canábida continua a ser a substância mais consumida, com mais de 22 milhões de adultos europeus a comunicarem o seu consumo no último ano. Os estimulantes são a segunda categoria indicada com mais frequência. Estima-se que, no último ano, 3,5 milhões de adultos tenham consumido cocaína, 2,6 milhões de MDMA e 2 milhões de anfetaminas. Cerca de 1 milhão de europeus consumiram heroína ou outro opiáceo ilícito no último ano. Embora a prevalência do consumo de opiáceos seja inferior à de outras drogas, os opiáceos continuam a representar a maior parte dos danos atribuídos ao consumo de drogas ilícitas. Tal é ilustrado pela presença de opiáceos, frequentemente em combinação com outras substâncias, que se verificou em cerca de três quartos das overdoses fatais comunicadas na União Europeia em 2020. É importante notar que a maioria das pessoas com problemas de consumo de droga consome uma série de substâncias. Também assistimos a uma complexidade consideravelmente maior nos padrões de consumo de droga, estando agora os medicamentos, as novas substâncias psicoativas não controladas e as substâncias como a cetamina e a GBL/ GBH associados a problemas de droga em alguns países ou entre alguns grupos. Esta complexidade reflete-se no reconhecimento crescente de que o consumo de drogas está ligado ou complica a forma como respondemos a uma vasta gama de questões sociais e de saúde atualmente mais prementes. Entre estas questões contam-se os problemas de saúde mental e os danos próprios, a falta de habitação, a criminalidade juvenil e a exploração de pessoas e comunidades vulneráveis.

É importante notar que a maioria das pessoas com problemas de consumo de droga consome uma série de substâncias



A globalização continua a impulsionar a inovação no tráfico e na produção de droga

Subjacente aos problemas relacionados com drogas que vemos na Europa está a inovação contínua no mercado de droga, que levou à elevada disponibilidade geral de um número crescente de substâncias diferentes, muitas vezes de elevada potência ou pureza. A redução da importação de drogas para a União Europeia e da produção na União Europeia continua, por conseguinte, a ser um dos principais desafios políticos. Continuam a ser detetadas grandes remessas que são transportadas por métodos que exploram frequentemente infraestruturas comerciais, em especial o transporte intermodal de contentores. Estas medidas foram acompanhadas de inovações no que respeita a novas rotas de tráfico, métodos de dissimulação e novos processos de produção. A União Europeia tornou-se também um importante produtor de algumas drogas, tanto para o consumo interno como para o mercado mundial. o que é indicado pelo desmantelamento de mais de 350 instalações de produção de droga na União Europeia em 2020. A globalização, por exemplo, parece estar a impulsionar algumas destas mudanças, sendo a maior interação que parece agora existir entre os grupos criminosos internacionais e europeus. Um exemplo preocupante desta situação é a observação recente de que grupos de criminalidade mexicana começaram a estar envolvidos na produção de drogas sintéticas na União Europeia.



Canábis: novos desenvolvimentos em prol da droga ilícita mais popular na Europa

Os desenvolvimentos no domínio da canábis estão a criar novos desafios para a forma como respondemos à droga ilícita mais consumida na Europa. Quase 48 milhões de homens e cerca de 31 milhões de mulheres referem consumir esta substância. No entanto, os níveis de consumo de canábis ao longo da vida diferem consideravelmente entre países, variando entre 4,3 % de todos os adultos em Malta e 44,8 % em França. Ao longo da última década, os preços indexados da resina de canábis e da canábis herbácea têm-se mantido relativamente estáveis, enquanto o teor médio de THC das duas formas da droga aumentou. Atualmente, o teor médio de THC da resina (21 %) é quase o dobro do da canábis herbácea, que é normalmente de cerca de 11 %. Trata-se de uma inversão de uma tendência observada no passado, quando o teor de THC da canábis herbácea era normalmente mais elevado do que o da resina. Trata-se de outro exemplo de inovação e adaptação no mercado da droga, uma vez que os produtores de resina, geralmente localizados fora da União Europeia, parecem ter respondido à concorrência da canábis herbácea produzida internamente. Note-se igualmente que os problemas relacionados com a canábis também parecem ser mais significativos nos nossos dados de monitorização, sendo esta droga visível tanto nos casos de urgência relacionados com a droga como nos novos pedidos de tratamento da toxicodependência.

O ambiente político europeu em matéria de canábis está a tornar-se cada vez mais complexo

As políticas e as respostas regulamentares à canábis são cada vez mais confrontadas com desafios adicionais colocados pelas novas formas e pelos novos usos desta substância. Os desenvolvimentos neste domínio parecem ser influenciados, em parte, pela criação de mercados recreativos de canábis nas Américas e, em parte, por um maior interesse comercial no desenvolvimento de produtos de consumo que contenham extratos da planta de canábis. O âmbito das políticas em matéria de canábis na Europa está a alargar-se gradualmente e engloba atualmente, para além do controlo da canábis ilícita, a regulamentação da canábis para fins médicos e para outras utilizações e formas emergentes, incluindo como ingredientes em géneros alimentícios e cosméticos. Estas atuais e novas dimensões das políticas em matéria de canábis na Europa estão a trazer para a mesma um conjunto mais vasto de considerações de saúde pública.

Alguns Estados-Membros da UE estão a desenvolver políticas relacionadas com a canábis para fins recreativos. Em dezembro de 2021, Malta legislou em prol do crescimento doméstico e do consumo de canábis em clubes privados, juntamente com clubes de crescimento municipais sem fins lucrativos, para fins recreativos. O Luxemburgo está a planear permitir o crescimento doméstico, enquanto na Alemanha e em países terceiros, a Suíça, discutem a possibilidade de criar sistemas que permitam a venda legal de canábis para consumo recreativo. Além disso, os Países Baixos estão a testar um modelo para uma cadeia de abastecimento fechada de canábis para coffeeshops. A fim de proteger a saúde pública, o impacto de eventuais alterações regulamentares neste domínio deve ser cuidadosamente acompanhado, o que exige dados de base adequados para apoiar a monitorização e avaliação contínuas. A maioria dos países da UE permite agora a utilização de canábis ou canabinóides para fins medicinais de alguma forma. No entanto, as abordagens nacionais variam consideravelmente em termos dos produtos permitidos e dos quadros regulamentares utilizados. Atualmente, as grandes empresas que cultivam e vendem canábis no Canadá também estão a cultivar na Europa e a fornecer medicamentos de canábis a alguns Estados-Membros da UE. O inquérito Eurobarómetro da Comissão Europeia de 2022 revelou que sete em cada dez inquiridos consideraram que a canábis deve estar disponível para uso médico.

A expansão do comércio legal de canábis na Europa é evidenciada pelos registos de variedades de plantas de canábis, marcas de produtos,

hectares de cânhamo cultivado e pedidos de novos produtos alimentares. Além disso, existem em muitos Estados-Membros lojas que vendem produtos com baixo teor de THC, incluindo alimentos, cosméticos e produtos para fumar à base de plantas. Estes produtos são comercializados pelo seu baixo teor de THC ou como fontes de outros canabinóides, como o canabidiol (CBD). Em 2020, o Tribunal de Justiça Europeu declarou que a CBD derivada de plantas não era uma «droga», uma vez que, segundo os conhecimentos científicos atuais, a substância não tem propriedades psicoativas. As implicações deste facto não são claras, mas poderá eventualmente ser interpretado, desde que estejam reunidas as condições regulamentares, que a CBD pode ser utilizada como ingrediente em alguns produtos comerciais.

São necessárias mais informações para avaliar exaustivamente os possíveis danos ou benefícios dos produtos de canábis com baixo teor de THC. Foram levantadas preocupações quanto à força dos dados concretos em apoio de alegações de alegados benefícios para a saúde, questões de controlo da qualidade, limites de segurança adequados e dificuldades na medição das doses. O complexo contexto político e a perceção de uma «zona cinzenta» em torno da legalidade e da promoção destes produtos podem ter facilitado a rápida expansão deste mercado. É necessária uma monitorização normalizada da disponibilidade e prevalência do consumo de produtos de canábis, bem como estudos transnacionais, para compreender estes desenvolvimentos e as implicações que estes podem ter a nível europeu.



Os produtos ilícitos de canábis aumentam a preocupação com a saúde devido à adulteração com canabinóides sintéticos

Os canabinóides sintéticos imitam os efeitos do THC, a substância principal responsável pelos efeitos psicoativos da canábis, mas podem ser altamente potentes e tóxicos. Há muito que a preocupação com a toxicidade associada a alguns canabinóides sintéticos se mantém. No entanto, uma evolução mais recente é o facto de, na Europa, se ter registado um aumento dos relatos de canábis adulterada com canabinóides sintéticos, em especial produtos à base de plantas e resina com baixo teor de THC. Na maioria dos casos, as drogas foram compradas como canábis ilícita. Embora o grau de disponibilidade destes produtos adulterados na Europa seja desconhecido, é preocupante que oito Estados-Membros da UE os tenham detetado desde julho de 2020. Inicialmente, o MDMB-4en-PINACA era o canabinóide sintético mais detetado, mas o ADB-BUTINACA tornou-se mais comum em 2021.

Os canabinóides sintéticos mais potentes podem provocar intoxicações mais intensas e efeitos mentais, físicos e comportamentais do que a canábis, tendo sido comunicadas intoxicações graves e fatais. As pessoas podem consumir inadvertidamente doses elevadas de canabinóides sintéticos porque aqueles que adulteram produtos naturais de canábis podem utilizar processos de fabrico imprecisos, o que resulta no facto de os adulterantes se distribuírem frequentemente de forma potencialmente desigual ao longo do produto. Esta situação pode resultar em produtos que contêm quantidades tóxicas de canabinóides sintéticos e em bolsas concentradas das substâncias contidas nos produtos.

É provável que os criminosos estejam a adulterar os produtos de cânabis para maximizar os lucros, uma vez que o cânhamo industrial com baixo teor de THC é barato e tem uma aparência semelhante à da cânabis herbácea ilícita. Deste modo, é fácil enganar os traficantes e os consumidores, ao passo que apenas uma pequena quantidade de pó de canabinóides sintéticos é necessária para produzir fortes efeitos semelhantes aos da cânabis. As informações disponíveis indicam que algumas pessoas que consumiram estes produtos adulterados acreditavam que tinham comprado cânabis natural. Ignoravam que os produtos que consumia continham canabinóides sintéticos potentes.

A monitorização da disponibilidade e dos efeitos destes produtos é complicada, uma vez que os canabinóides sintéticos nas amostras de cânabis não serão detetados, a menos que seja realizada uma análise forense. Por conseguinte, são necessários mais testes analíticos e toxicológicos das amostras de cânabis e uma comunicação rápida dos resultados. Os sistemas nacionais de alerta precoce podem desempenhar um papel fundamental na deteção e resposta a eventos relacionados com a venda enganosa, a adulteração ou a contaminação de drogas ilícitas. No entanto, para funcionar, é necessário um maior desenvolvimento de recursos adequados e de canais adequados para a comunicação de resultados, tanto a nível nacional como europeu. É igualmente necessária mais investigação para contribuir para o desenvolvimento de respostas eficazes de prevenção e redução de danos, a fim de reduzir os potenciais riscos para a saúde associados a este tipo de adulteração.



CANÁBIS | Um mercado de cânabis cada vez mais complexo

As restrições de viagem relacionadas com a COVID-19 parecem ter algum efeito no tráfico de cânabis herbácea a partir dos Balcãs Ocidentais e de resina de Marrocos. A cânabis produzida internamente pode ter-se tornado uma fonte mais importante para o mercado europeu em 2020. Por exemplo, as notificações de um aumento de grandes apreensões de plantas originárias de Espanha sugerem que este país poderá estar a tornar-se um fornecedor importante para o mercado da UE. Também continuámos a assistir a uma diversidade crescente na gama de produtos de cânabis disponíveis na Europa, com extratos e produtos comestíveis com um elevado teor de THC a aparecerem no mercado de droga e produtos com CBD com um baixo teor de THC a serem comercializados comercialmente. O que é preocupante é o facto de vários países terem comunicado, em 2021, produtos de cânabis adulterados com canabinóides sintéticos perigosos, que representam riscos para a saúde dos consumidores. Em 2020, a percentagem de novos utentes que iniciaram tratamento devido ao consumo de cânabis como principal droga problemática diminuiu num terço dos Estados-Membros da UE. Os dados preliminares para 2021 sugerem que esta queda se explica possivelmente por uma diminuição na procura de ajuda durante a pandemia ou por uma diminuição dos serviços que dão prioridade ao tratamento para outras formas de consumo de droga, como os opiáceos.



PRINCIPAIS DADOS E TENDÊNCIAS

Em 2020, os Estados-Membros da UE notificaram 86 000 apreensões de resina de cânabis, totalizando 584 toneladas (464 toneladas em 2019), e 240 000 apreensões de cânabis herbácea, totalizando 155 toneladas (130 toneladas em 2019). Além disso, a Turquia notificou 8 300 apreensões de resina de cânabis, totalizando 37,5 toneladas, e 46 900 apreensões de cânabis herbácea, totalizando 56,3 toneladas.

Em 2020, foram comunicadas cerca de 642 000 infrações por consumo ou posse de cânabis (625 000 em 2019), a par de 93 000 infrações por oferta (102 000 em 2019).

Em 2020, o teor médio de THC da resina de cânabis foi de 21 %, quase o dobro do da cânabis herbácea, com 11 %.

Os serviços de «drug checking» estão a receber mais produtos de cânabis para testar, refletindo a diversidade dos produtos e a incerteza dos consumidores, com serviços em 7 cidades europeias a comunicar aumentos em 2021.

O consumo de cânabis no último ano entre os habitantes da UE com idades compreendidas entre os 15 e os 34 anos é estimado em 15,5 %. Na faixa etária dos 15 aos 24 anos, estima-se que 19,1 % (9,0 milhões) tenham consumido cânabis no último ano e 10,4 % (4,9 milhões) no último mês.

O inquérito da UE sobre drogas realizado em 2021 na Web revelou que a cânabis herbácea foi consumida por 95 % dos inquiridos que consumiram cânabis nos últimos 12 meses, em comparação com 32 % no caso da resina, 25 % no caso dos produtos comestíveis e 17 % no caso dos extratos. A pandemia afetou os padrões de consumo de cânabis, com os consumidores mais frequentes de cânabis herbácea a consumirem mais e os consumidores pouco frequentes a consumirem menos, em média.

A cânabis foi a substância comunicada com mais frequência pela rede hospitalar Euro-DEN Plus em 2020. Esteve envolvida em 23 % dos casos de intoxicações agudas relacionadas com droga (27 % em 2019), geralmente na presença de outras substâncias.

Em 2021, das 31 cidades com dados comparáveis, 13 comunicaram um aumento anual do metabolito de cânabis THC-COOH nas amostras de águas residuais.

Em 2020, os dados disponíveis de 25 países mostram que cerca de 80 000 pessoas iniciaram na Europa um tratamento especializado da toxic dependência por problemas relacionados com o consumo de cânabis cerca de 43 000 pela primeira vez. A cânabis foi a principal droga problemática mais frequentemente citada pelos novos utentes em tratamento, representando 45 % de todos os utentes que iniciaram o tratamento pela primeira vez na Europa.

O relatório Tendências e Evoluções, apresenta uma panorâmica de alto nível do fenómeno da droga na Europa, com foco no consumo de drogas ilícitas, nos prejuízos para a saúde a ele associados e na oferta de droga. Os recursos relacionados com o relatório podem ser consultados na página Web: emcdda.europa.eu/edr2022



Alexis Goosdeel
Diretor do EMCDDA

Em primeiro lugar, gostaria de expressar nossos calorosos agradecimentos à Comissária Ylva Johansson pelo seu apoio permanente e também ao Dr. Franz Pietsch, presidente do Conselho de Administração da EMCDDA.

As drogas são diferentes hoje? O que podemos fazer quanto a isso?

Bem, a resposta é simples. Em poucas palavras, as drogas voltaram. O fornecimento e o uso de drogas estão voltando para a Europa. Alcançamos novamente os níveis de consumo de pandemia pré-COVID, aumento da complexidade da oferta e uso e uma enorme pressão do mercado de medicamentos na base de clientes. Em primeiro lugar, três palavras podem ser usadas para resumir e ilustrar a situação de hoje.

A primeira é que as drogas estão em todos os lugares hoje. Nunca tivemos uma alta disponibilidade de drogas no território da União Europeia. Foram apreendidas 213 toneladas de cocaína em 2020 e ainda mais em 2021. 21 toneladas de anfetaminas foram apreendidas em 2020. Ao mesmo tempo, vemos uma mudança, um aumento na produção de drogas sintéticas no território da UE, com mais de 350 laboratórios desmontados e apreensões recorde de novas substâncias psicoativas (NPS).

A próxima palavra é Tudo. Tudo pode ser usado como uma droga. Isso se rompe com as definições antigas: macio versus duro, químico versus à base de plantas, lícito versus ilícito. Há uma oferta muito mais ampla de substâncias hoje que são a causa de comportamentos viciantes. Novas substâncias potentes e perigosas aparecem todas as semanas no mercado de medicamentos, com catinonas sintéticas - um grupo de estimulantes sintéticos - sendo extremamente preocupantes. Estes são agora a segunda maior categoria de NPS em observação.

Em seguida, vemos um aumento na diversificação de produtos de cannabis, com alguns conteúdos de cannabis em comestíveis/alimentos, mas também em e-líquidos para vaping, que podem criar potenciais novos riscos e novos malefícios para as pessoas que os estão usando. E então, localmente, o surgimento do uso do crack como uma das consequências da alta disponibilidade de cocaína e também, localmente — ainda, não em uma dimensão muito grande, mas ainda crescente — o aparecimento de metanfetamina em algumas cidades da Europa.

Então, a consequência disso - e isso vem para a terceira palavra - todos. Todos podem sofrer e ser impactados por essas mudanças. Pode ser por causa da cannabis adulterada. O que temos observado recentemente é cannabis de ervas que foi pulverizada com canabinoides sintéticos, e que, por exemplo, pode causar um estado delirante. Assim, para psiquiatras e médicos que têm que avaliar o estado das pessoas que chegam ao pronto-socorro, é extremamente importante estar atento à existência desses canabinoides sintéticos pulverizados para fazer um diagnóstico mais correto e diferenciado.

Observamos também um enorme aumento na concentração de resina de cannabis, com o teor médio de THC de resina de cannabis chegando agora a 21 %. Mas também vemos um aumento nas ameaças à saúde associadas à cocaína e, em alguns países — inclusive fora da UE, como no Reino Unido — vemos o surgimento de casos de morte por overdose depois de combinar o uso de cocaína, por exemplo, com benzodiazepínicos. E também observamos que há uma gama muito mais ampla de substâncias que podem ser usadas por injeção. Por último, mas não menos importante, o que está aparecendo como uma mudança recente é que vemos que pode haver, pelo menos em algumas cidades da Europa, uma correlação entre o aumento dos casos de overdose e o aumento do consumo de metanfetamina e chemsex. Tudo isso mostra que há muito mais diversidade no número de pessoas que podem ser afetadas por comportamentos viciantes e suas consequências nocivas, e que o problema das drogas hoje certamente não pode ser descrito apenas em termos de uso de heroína.

Então, o que podemos fazer?

Bem, precisamos continuar a proteger os jovens. Essa é a prioridade principal. Precisamos ampliar os serviços de tratamento e redução de danos. Precisamos também diversificar, adaptar a oferta de serviços às necessidades e à situação.

E, nessa perspectiva, é bastante alarmante ver que apenas quatro dos 29 países (27 Estados-Membros da UE, Noruega e Turquia) estão cumprindo as metas da OMS que consideram o número mínimo de seringas que foram distribuídas às pessoas que injetam drogas e a cobertura mínima de 40 % das necessidades de tratamento. E a média na Europa para usuários de opioides de alto risco em tratamento é de apenas 50 % e, em muitos países da UE, esse percentual não ultrapassa os 20 %. Então, precisamos continuar o esforço. Há também a necessidade de sustentar essas abordagens, reinsistindo no respeito dos direitos fundamentais das pessoas que usam drogas e, ao mesmo tempo, como disse o senhor comissário, precisamos continuar e fortalecer o esforço de aplicação da lei, porque não há como agir apenas na redução da demanda se não trabalharmos ao mesmo tempo na redução da oferta.

Então, quais são os novos desafios?

Muitos deles. A primeira é que a Europa, mais do que nunca, é uma grande área de produção de drogas, o que significa que há consequências e potenciais consequências para o futuro. Algumas dessas drogas hoje são para exportação, mas já notamos que há pressão da oferta dessas substâncias nos mercados locais no território da UE.

A metanfetamina é potencialmente um novo perigo e, quando conhecemos a situação, o impacto negativo na saúde causado pelo uso de metanfetamina nos EUA, na Austrália ou no sul da Ásia, certamente seria “muito ruim” se isso estivesse se desenvolvendo na Europa. Portanto, precisamos agir antes que se espalhe e se espalhe para o território da UE.

Pode haver consequências de mudanças no Afeganistão, não apenas em relação à produção de heroína, mas também, como disse o comissário, a produção de metanfetamina, que poderia ser uma nova fonte de metanfetamina no território da UE. Precisamos continuar monitorando e observando a situação. Também fortalecemos o crime organizado global e também a digitalização, que foi impulsionada pela pandemia do COVID e que está aqui para ficar. Isso significa maior dificuldade, maior complexidade, mas também novas oportunidades para as forças de aplicação da lei, como demonstrado pelo EncroChat e sky ECC.

O Comissário mencionou a guerra na Ucrânia. Pode haver implicações para os ucranianos em tratamento na Ucrânia, para as pessoas que fogem da Ucrânia e precisam de apoio e assistência nos países vizinhos à Ucrânia. Mas também há potencialmente um impacto nas rotas de tráfico de drogas e já há alguns indícios de que pode haver uma pressão maior sobre o risco de crime transfronteiriço e tráfico entre a Turquia e a Bulgária ou a Turquia e a Grécia.

E então o que não devemos esquecer, durante e depois do COVID, de que já havia uma crise econômica e só vimos o início. Agora, a guerra na Ucrânia está trazendo uma dimensão adicional para esse problema que, em qualquer caso, terá um impacto negativo sobre grupos vulneráveis. Então, precisamos enfrentar esses desafios que combinam políticas diferentes.

Por último, mas não menos importante, quais são nossos recursos? O que podemos fazer? Quais são as maneiras pelas quais podemos resolver ou antecipar o problema?

Em primeiro lugar, temos o Plano Europeu de Estratégia e Ação de Drogas que dá um quadro comum para que todos os Estados-Membros da UE e a UE trabalhem juntos nisso. O que também sabemos é que temos um portfólio de respostas baseadas em evidências e há novos desenvolvimentos, novas necessidades. Portanto, precisamos não apenas continuar investindo, certamente precisamos investir mais, na implementação e uso de práticas recomendadas baseadas em evidências para a redução da demanda. Precisamos continuar a monitorar o comércio de precursores, e o fato de que o relatório está mostrando que há um aumento, como mencionei, na produção de diferentes medicamentos na Europa, significa que o desafio criado pelo desvio de precursores químicos torna-se agora um problema ainda mais importante a nível europeu.

Já iniciamos durante a pandemia covid para investir e desenvolver atividades para fortalecer nossa preparação. No momento, expandimos esta atividade para tentar avaliar as consequências imediatas da guerra na Ucrânia para os países vizinhos da Ucrânia. Por fim, precisamos dar ainda mais apoio aos laboratórios forenses e toxicológicos, pois quanto mais temos e produzimos conhecimento preciso sobre o conteúdo das convulsões, o conteúdo dos produtos, mas também os líquidos do corpo, o exame forense de pessoas que morreram por overdose, melhor entendemos essas overdoses e tentamos preveni-las.

Falando em toxicologia e laboratórios forenses, estamos celebrando este ano um aniversário de 25 anos muito especial. Este é o aniversário do Sistema de Alerta Antecipado da UE sobre novas substâncias psicoativas. Em 1997, foi criada a chamada ação conjunta sobre novas drogas sintéticas. Foi uma iniciativa muito prospectiva da Comissão Europeia de uma época, onde ainda não havia tantas drogas sintéticas descobertas no mercado de drogas. Hoje, uma nova droga que nunca foi vista no mercado europeu de drogas é descoberta na Europa todas as semanas. Até cerca de quatro ou cinco anos atrás, este era dois NPS por semana.

É também a primeira vez que há uma cooperação e estreita cooperação entre as forças de saúde pública e as forças policiais com resultados imediatos. Esses resultados são: 884 novas substâncias foram detetadas na Europa nos últimos 25 anos. Produzimos 168 comunicações de risco à saúde pública aos Estados-Membros sobre essas substâncias e os riscos associados. Realizamos 37 avaliações de risco e, com base nessas avaliações, 27 substâncias foram colocadas sob controle, primeiro a nível europeu, e depois compartilhamos todas as informações, todas as análises com a OMS e com a ONU para alimentar o processo a nível da ONU. Isso levou, por sua vez, a 26 das 27 substâncias colocadas sob controle internacional.

Então, isso mostra, isso ilustra que nós, na Europa, podemos salvar vidas, na verdade já estamos salvando vidas.

O desafio para nós agora é aprender com a experiência passada dos últimos 30 anos da política de drogas da UE. Precisamos aprender para o presente e, com base nisso, e com base nas evidências científicas, esta é a melhor maneira de antecipar novos riscos, novas ameaças emergentes e tentar evitá-los e continuar a proteger nossos cidadãos.

Por conseguinte, a proposta da Comissão Europeia, apoiada pelo senhor comissário Johansson, de modificar o mandato da EMCDDA, torná-la ainda mais útil e torná-la ainda mais pronta para ajudar a UE e os Estados-Membros a enfrentar ameaças emergentes, é extremamente importante e extremamente bem-vinda.



Ylva Johansson
Comissária Europeia para assuntos internos

Apresentamos este ano o Relatório Europeu sobre Drogas em um momento em que celebramos 25 anos do Sistema de Alerta Antecipado da UE. 25 anos alertando a Europa para os perigos de novas substâncias psicoativas, de novas drogas.

Nesses 25 anos, a agência de drogas alertou os formuladores de políticas de drogas cada vez mais novas, cada vez mais potentes e cada vez mais tóxicas.

A agência informou 52 novas drogas somente no ano passado, elevando o total para 880 medicamentos agora em observação — testemunhando tanto a excelência da agência no monitoramento quanto a crescente ameaça que as drogas representam para a saúde e segurança de nossos cidadãos.

O Relatório Europeu de Drogas deste ano mostra que o uso de drogas raramente vem sozinho. Vem com problemas de saúde mental, com desabrigados, com o crime juvenil e as pessoas vulneráveis sofrendo mais. Políticas sociais, políticas de saúde devem estar lado a lado com as políticas de segurança.

O relatório deste ano mostra que, após interrupções do COVID, o fornecimento de drogas está voltando.

A aplicação da lei dos Estados-Membros está quebrando novos recordes na captura de drogas. Em 2020, um recorde de 213 toneladas de cocaína e um recorde de 21 toneladas de anfetamina.

O relatório mostra que, como todos nós, os traficantes foram cada vez mais online durante a pandemia. Comprar e vender drogas através dos órgãos sociais é comum agora. O relatório de drogas mostra que as redes criminosas continuam operando em escala global. As apreensões de drogas aumentaram, mas a cooperação entre grupos do crime organizado em todo o Atlântico.

Este relatório nos mostra que devemos fazer mais para combater o crime organizado. No mês passado, apresentei propostas sobre recuperação de ativos para facilitar a rastreamento, congelamento e cessação dos lucros criminais,

para garantir que o crime não pague e para impedir que o dinheiro das drogas abasteça a violência e a corrupção. O crime de drogas é o tipo mais lucrativo de crime e essas propostas privarão os criminosos de sua maior fonte de renda.

E este relatório mostra que devemos fazer ainda mais para reduzir a oferta, reduzir a demanda e reduzir os danos como descrito na nossa Estratégia de Drogas da UE e no nosso Plano de Ação.

É por isso que proponho transformar o Centro Europeu de Monitoramento de Drogas e Dependência de Drogas em uma Agência de Drogas da União Europeia com mais funcionários, um orçamento maior e um mandato mais forte.

Um mandato que permite o monitoramento do uso de poli substâncias, mistura de drogas ou mistura de drogas, álcool e medicamentos, porque a mistura mata. Misturar drogas causa a maioria das mortes por overdose.

Um mandato que permite o exame dos mercados de drogas, estudando, por exemplo, a compra e venda de drogas na internet, nas redes sociais e na darknet.

Um novo mandato que permite investigações precoces e profundas sobre novas ameaças complexas. Por exemplo, após a aquisição do Talibã, o aumento da produção de metanfetamina no Afeganistão encontrou seu caminho para a Europa. Ou talvez as possíveis consequências da guerra na Ucrânia para o uso e o fornecimento de drogas.

Espero que o novo mandato esteja em vigor até 2024. Aconteça o que acontecer, as informações e análises da agência de drogas permanecerão cruciais para moldar as políticas de drogas e o relatório de drogas continuará sendo nossa fonte de dados sobre drogas. Este relatório baseia-se no trabalho de muitos anos. Cada relatório nos dá uma visão mais completa do desafio que enfrentamos.

Gostaria de agradecer a todos que contribuíram e um caloroso obrigado a Alexis e sua equipe por um trabalho bem feito.



Franz Pietsch
Presidente do Conselho de Administração da EMCDDA

É uma grande honra para mim, como Presidente do Conselho de Gestão da EMCDDA, apresentar o European Drug Report 2022.

Este relatório anual fornece a mais recente visão geral da situação das drogas na Europa até 2022, explorando tendências de longo prazo e ameaças emergentes. Com base em dados de 29 países (UE 27, Turquia e Noruega), o relatório inclui capítulos sobre drogas individuais, bem como sobre o fornecimento de drogas, a produção e os precursores.

Esta publicação emblemática é um recurso essencial para obter uma compreensão estratégica e holística da situação das drogas europeias e suas implicações para a saúde pública e a segurança. Ilustra a abordagem equilibrada da UE para explorar o impacto das tendências de longo prazo na saúde e segurança do público e detectar mais rapidamente quaisquer novas ameaças, permitindo que os tomadores de decisão melhorem sua preparação e resposta.

O valor agregado da EMCDDA reside em sua capacidade de ajudar os formuladores de políticas e profissionais europeus e nacionais no campo das drogas para enfrentar as causas e consequências do uso de drogas. Como parte de sua Estratégia 2025, a EMCDDA está, portanto, recalibrando suas atividades, tornando-as proativamente mais centradas no cliente.

Por muitos anos, a tarefa da agência era produzir, compartilhar e disseminar dados. Hoje, é cada vez mais chamado a fornecer informações analíticas e direcionadas para permitir que formuladores de políticas e profissionais desenvolvam políticas e serviços baseados em evidências.

Em dezembro do ano passado, o Conselho de Administração da EMCDDA adotou os princípios de um novo Modelo de Negócio para a agência que melhorará a forma como interage com seus públicos e como identifica e responde às suas necessidades. A pandemia COVID-19 certamente reforçou a necessidade de mudança, e estou satisfeito em ver que o EMCDDA está se engajando em desenvolvimentos tão importantes.

Gostaria de transmitir meus agradecimentos especiais ao diretor da EMCDDA, e a toda a sua equipe, por este relatório de alta qualidade. Meus agradecimentos também são os pontos focais nacionais, ao Comitê Científico da EMCDDA e a todos os parceiros nacionais, europeus e internacionais que contribuíram para esta análise.

